

Biblioteca Nacional  
Lisboa

# A R E G E N E R A C Ã O

Semanário defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Filiado no Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional

Composição e impressão

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade e Administração

Empresa A R E G E N E R A C Ã O

**A**nossa Câmara continua trabalhando, denodadamente. Nunca é de mais acentuarlo. As obras que traz entre mãos e que pensa realizar, marcam uma época de progresso, que jamais passou por esta região.

Escolas, fontes, caminhos e estradas, são a preocupação permanente da nossa Câmara.

Mas isto não se limita à presa, as obras a pouco e pouco, vêm confirmado.

A nossa Câmara procede assim:

— Antigamente, diz o nosso povo, pagava-se, prometia-se e não se fazia nada; agora paga-se, não se promete, mas vêm-se grandes obras.

Eelas são tantas que causam enigmas a gregos e troianos e até aos de fora que olham para tanto progresso, com bastante admiração.

OI devidamente reparada a escola de Aguda, pela nossa Câmara.

Com afincada boa vontade e amor à sua terra, dirigiu os trabalhos o nosso preso amigo Ambrósio Cunrado de Abreu.

A Aguda, devido ao esforço desse e outros amigos, vai sofrer uma transformação completa, pois conta fazer uma estrada de ligação com a distrital e uma fonte pública e para tanto, já se está a trabalhar nas estâncias competentes.

Como se vê, a Câmara e Juntas de Freguesia, não descurram um momento o problema dos melhoramentos.

Razão tinhamos nós, quando há tempos dizíamos que a Câmara este não se ia dedicar às Freguesias.

**N**A Jarda, freguesia de Areia, fez-se uma esplendida fonte pública, tendo para isso sido dotada com trez mil escudos.

Este grande melhoramento deve-se ao sr. e nosso amigo Jóse Baião que é um incansável amigo da sua terra e freguesia.

E o seu amor é tão extraordinário que acaba de construir à sua custa, dois esplendidos edifícios escolares, tendo-a a nossa digna Câmara auxiliado na compra da mobília e material didáctico.

Mas não é só nisto que José Baião tem trabalhado.

A sua actividade e o seu amor à sua freguesia manifesta-se a propósito de tudo.

Ela tem obrigação de lhe estar agradecida e à Câmara também pelos serviços e auxílio que lhe tem prestado.

A nossa Câmara atendendo aos serviços que este nosso amigo está prestando à instrução vai propor ao governo um voto de louvor.

E fazendo-o, presta-se justiça.

## A Lição da Guerra

Passou o décimo terceiro aniversário da terminação do Grande Conflito em que andou envolvido o Mundo inteiro, cada país de sua maneira. A pesar de decorridos treze anos, é cedo ainda para se poder concluir dos resultados práticos da Guerra, do que dela se aproveitou, como ensinamento, como determinante de novas orientações político-sociais.

Os quatro anos da Guerra foram quatro anos de tortura, mais para os que presceram, mesmo de longe, a enorme luta, mas que tinham lá os seus, do que para os que nela tomaram parte activa. Nesses quatro longos anos, a Humanidade abriu os olhos deslumbrados ao clarão dos canhões e essa luz intensa penetrou no espírito dos povos, despertando-lhes a visão clara dos seus direitos, do seu valor e da sua força. A Guerra foi inicio da grande revolução dos espíritos porque ela trouxe a todos a convicção nítida de que cada homem hoje vale pelo que realmente vale, pelo seu talento, pelas suas habilidades, pelo seu trabalho e, sobretudo, pela sua bondade e não pela forma, mais ou menos luxuosa, como entrou no Mundo, filho d'Algo ou de plebeu.

Já lá vai o tempo em que se não tinha em conta o valor pessoal do indivíduo, as suas qualidades de trabalho e de inteligência, isso era um zero à esquerda se o acaso o não tivesse lançado no mundo bem nascido.

A Guerra, com todos os seus horrores, veio dar a enxadada final nos proconceitos estúpidos e idiotas que diferenciavam os homens que traziam um nome de antepassado que pertencia à História e à cesta do qual viviam, como se pode viver à custa de alguém e dos que, sem passado glorioso na ausência, eram autênticos valores sociais.

Bem dita seja a Guerra que veio lançar luz nos espíritos para os deixar ver claro, concorrendo assim para terminar com a desigualdade!

Da Guerra terá fatalmente que nascer a Paz e esta paz só será um facto real no dia em que não houver fome, no dia em que todos tenham, consoante os seus méritos e aptidões, o indispensável à vida de todos os dias. A prática demonstra-nos que o bem-estar nunca revoltou os que o disfrutam, mas sim as vítimas desse bem-estar, que trabalhando sempre, por vezes mais do que as próprias forças o permitem, não conseguem pôr-se e aos seus — ao abrigo das más negras necessidades.

No meio das grandes convulsões geram-se por vezes enormes injustiças, vitimando os que culpa alguma têm das desigualdades que é costume atribuir à sorte, mas que só são geradas pela maldade e egoísmo do homem.

Quem nos lê poderá julgar-nos partidário do que tem ido pela Russia, desde 1917. Engano profundo!

Ali deu-se uma inversão de poderes de indivíduos, cujo carácter não vamos apreciar, por falta de oportunidade; a ambição, a maldade e o egoísmo tiveram ali a sua mais larga expansão, como até então não haviam colhido ensejo.

Até a ninguém provou que o povo russo seja hoje mais feliz do que era no do Czarismo: há todas as probabilidades de poder provar o contrário...

Mas, se assim é — dirão — a que vem o nosso exordio, esta nossa ansia de libertação?

E que, é tempo de todos nos valorizarmos, cada um pelo que vale, muito ou pouco

e de fazer remunerar, moral e materialmente, como de direito e de justiça for.

Só assim haverá paz e concordia, dando a cada um o que lhe pertencer, por direito de conquista, pelo esforço dispensado.

Se o conseguirmos, temos de bendizer a guerra e a memória daqueles que, em holocausto da restante humanidade, se bateram e baquearam.

(Do Diário da Manhã)

Elio de Lílio

## Falta de espaço

Pedimos desculpa aos nossos estimados colaboradores, por neste número de «A Regeneração» termos deixado de publicar parte dos seus apreciáveis escritos. Ao ex.<sup>o</sup> sr. Manuel Domingos Godi.

nho, em especial, pedimos nos releve a falta de, só neste número, suspendermos a continuação de «A Beleza e as Delícias da Serra».

A absoluta falta de espaço com que lutamos obriga-nos assim a proceder.

Prometeremos, porém, não

## Conferição de medidas

E' durante este mês e ainda do mês de Dezembro que se deve proceder ao afilamento de medidas (secos e molhados).

Aí fica o aviso para todos os interessados.

abusar e procuraremos normalizar este serviço para o futuro.

Visado pelo Censor, de Tomar.

**N**A Lomba da Casa, freguesia de Aguda também a nossa Câmara acaba de reparar a fonte pública que há muitos anos, não dava água.

Para isso comprou trezentos metros de tubo galvanizado, mandando colocar e beneficiar tudo o que existia.

A nossa Câmara gastou muitas contos de reis, mas desta forma, fixa uma obra que há-de durar para a actual geração.

Como vêm, é assim que os homens que hoje administram o concelho, procedem.

Se assim tivessem feito os outros, como estaria hoje este concelho?

**E**GRESSOU de Lisboa, ontem, foi tratar, na Direcção Geral de Assistência, da viabilidade da construção do Hospital, o nosso director dr. Simões Barreiros.

**M**UITO gostariamos nós de saber, qual a razão por que foi citado José Simões Costa e mulher, do Fontão Fundeiro, com hora certa, quando este sr. se ausentou para Fernando Po.

A não ser o interesse manifesto do escrivão em ser agradável aos amigos de Mangualde, ainda não descortinamos outra causa que obrigasse a infringirem-se os preceitos mais rudimentares das leis.

E' um caso público e notório, o que se passou, mas como nestas questões de justiça, por enquanto não temos a quem recorrer, estamos mal com a casa, aguardaremos os acontecimentos, a fim de demonstrarmos ao sr. escrivão que aprendeu a ser... cumpridor porque se for necessário aplicamos-lhe o competente correctivo.

**F**OL restaurado o novo julgado municipal de Ferreira do Zêzere.

Aquela florescente vila, foi-lhe prestada justiça pela qual muito e felicitamos e a todos que trabalharam para aquele fim.

**F**O nomeado contador efectivo da nossa comarca o sr. José Mateus Mendes nosso preso amigo e que há bastante tempo vinha desempenhando interinamente este lugar.

Ao nosso contador que, como acima dissemos já é bem conhecido entre nós, como funcionário muito distinto e cumpridor, prestou-se-lhe justiça nomeando-o definitivamente, o que muito nos agrada e pela qual muito sinceramente o felicitamos.

**D**EIXAM de ter curso legal a partir de 20 do corrente as notas de 1.000\$00 efigies A. Feliciano Castilho e Oliveira Martins respectivamente chapa 2. e 3.

# Melhoramentos Rurais

O povo de Aldeia da Cruz festeja alegre e entusiasmaticamente a inauguração do seu novo chafariz.

Foi inaugurado na quinta-feira última o chafariz público de Aldeia da Cruz, uma das mais bonitas e das mais ricas povoações da freguesia de Figueiró dos Vinhos.

Contemos a história deste melhoramento, desta extrema necessidade, que é afinal, a história bem triste e desgraçada de todas as povoações deste concelho se não a história do desamparo e da pobreza em que vivem todas as povoações urbanas de Portugal.

Aldeia da Cruz é um ridículo lugar. Muito alegre, viçoso e produtivo, têm uma população dirigida por uma dúzia de homens bons, que — coitados! à força de muita labuta, vão alimentando uns parcos vintens, que não de ser o futuro daqueles para quem vivem e trabalham.

Constituiu, em tempos idos e vergonhosos, que, felizmente para Portugal não hão-de voltar, um feudo eleitoral de valo. Mas, mesmo assim, não tinha estrada, não tinha um caminho, não tinha uma gota de água para abastecer o seu povo. A fonte, que era um chafariz qualquer que sustava a sede a toda aquela gente, fica-lhe quase a um quilómetro de distância.

Os homens bons daquela terra, lembraram-se há meses de pedir à Câmara o concerto do seu caminho, da sua pequena estrada. E a Câmara concordou.

Vieram de novo. Insistiram por uma grande e justa aspiração: a construção dum fonte pública. E a Câmara construiu-lha.

Ora é precisamente esse instrumento que vamos inaugurar.

Dir-se-ia que alguém iria noivar. Quando entramos na Aldeia da Cruz encontrámos o logar em festa.

Dir-se-ia que alguém iria noivar. Porque verdadeira festa de noivos, cheia de amor, de ternura e de carinho, era, afinal aquele momento ali vivido.

No centro da povoação, sobreiro, elegante, altaneiro, estava o novo chafariz.

Um trabalho modesto, mas interessantemente traçado pelo Urbano.

Os homens vestem os seus fatos de gala. As mulheres sorriem, com um sorriso que é todo vida, alegria, saúde e beleza. Apróximam-se a hora do acto oficial: a inauguração da fonte,

O sr. dr. Simões Barreiros, Vice-Presidente da Câmara, homem de ação e de trabalho, nascido do povo, e por isso mesmo querendo-lhe e às suas aspirações com toda a pujança dos seus fortes e rigidos trinta anos, entra na povoação. A sua entrada é saudada, com vivas entusiasticos, csm foguetes, alegria e muita manifestação de carinho e simpatia.

Aproximamo-nos do chafariz. Está enregnaldado, de rosas e de flores, predominando o conjunto do verde e vermelho nacionais.

Todo o povo, em volta d'ós, dá ao sr. dr. Simões Barreiros, o prazer de beber a primeira gota de água, pura, espelhada, cristalina. E este, sinceramente, abalado e impressionado, afirma:

Antigamente prometia-se, muito e nada se fazia. Hoje não se promete e realisa-se. Estou convosco nesta hora de felicidade. Representa aqui a Câmara, como este representa a Ditadura Nacional. Bebe sempre com prazer a água puríssima que corre e se um dia tiverdes de manifestar a nossa opinião, sobre a nossa obra, não vos esqueçais, de que, é trabalhando, administrando bem e orientando inteligentemente, que a gente nova, se tem imposto no nosso concelho, como de resto, se tem imposto ao País, os homens de 28 de Maio. Rapazes: Viva a Aldeia da Cruz! Viva a República! Viva a Ditadura Municipal!

O que se segue não tem descrição possível. O entusiasmo, o calor, os vivas, quase não tem fim: é a alma do povo que se expande; é toda a stupididade, despertada pelos mais caros sentimentos, que troveja, que grita, que apregoa todo o seu entusiasmo. O chefe da Secretaria da Câmara Augusto Severino, le de seguida o auto de inauguração. Todos os presentes querem assiná-lo, vincar aquela obra, o seu nome humilde.

E depois seguem-se as visitas obsequiosas a todas as casas. Nestas, nada falta. Há o bom agasalho e o bom receber.

... E saímos do ridente logar, com a alma presa áqueles bons momentos, olhando, mais uma vez, com inveja aquela água puríssima que ali corre e que, nas tardes quentes de Agosto, há de refrescar os lábios quentes, as bocas sequosas, daquelas bem bonitas mulheres...

Vivem se umas horas, que valem e que marcam, porque

## FITA SEMANAL

### Figueiró

O Figueiró do presente  
Já não é o que era outrora.  
Dei já uns passos em frente;  
E já orgulho da gente

E admiração dos de fora

Já não está na cipa torta.

Foi um pouco mais além.

O seu nome não se exorta

E já não é letra morta

A tanta que o mesmo tem

Já tem parque, tem jardim...

Luz a jorros e sem conta

Que ilumina tudo, enfim,

Do princípio até ao fim...

Canto a canto, ponta a ponta.

Já teve alcatrão nas ruas,

Do que existe ainda vestígios;

Tem pessoas capicuas...

Há quem diz verdades ironas

E há meninos prodígios.

Já foi abaixo o passeio...

E já lavaram a casa

A estação do correio.

— Que falta, pois, cd no meio,

P'ra ser uma vila rara?

Há algumas coisas talvez.

(Faltas há em toda a parte).

Como urinóis, dois ou tres,

P'ra este ou p'ra aquell' fregues...

E até uns vasos de arte.

Também há coisas à mais

Que deviam ser banidas.

Como sejam os currais

Onde vivam animais

Em comum co'as nossas vidas.

E ali na praça Malhoa

Existe uma coisa rara

Que nem talvez em Lisboa

Assim se encontre tam boa:

Nam telhado uma seara!

Francisco Lires

### LOJAS

Arrendam-se duas lojas ao fundo da vila no prédio de D. Emilia Lacerda.

Trata Carlos Lacerda.

### ANIVERSARIO

No dia 8 do corrente fez 4 anos a interessante menina Maria Ricardina, neta do nosso amigo sr. Carlos Lacerda.

teem beleza, alegria e emoção.

E já tarde faz-se a debandada. Todo o povo acompanha até a saída do logar, o sr. dr. Simões Barreiros, testemunhando-lhe toda a sua profunda gratidão.

Findou a festa. Os últimos vivas são para a Câmara e para o sr. dr. Simões Barreiros.

... E saímos do ridente logar, com a alma presa áqueles bons momentos, olhando, mais uma vez, com inveja aquela água puríssima que ali corre e que, nas tardes quentes de Agosto, há de refrescar os lábios quentes, as bocas sequosas, daquelas bem bonitas mulheres...

A. Severo

### Dr. Jacinto Nunes

O velho e prestigioso republicano, faleceu em Grandola no dia 2 do corrente mês com idade de 92 anos.

Com Jacinto Nunes desapareceu uma das mais nobres figuras da democracia portuguesa.

Natural do visinho concelho de Pedrogão Grande, o velho republicano, seguia a par e passo o que se passava no seu concelho e região. A prova, é de que assinava o nosso jornal, mandando de vez me quando postais elucidativos acerca de problemas importantes que aqui, nestas colunas, temos debatido.

Deixou à Misericórdia da sua terra 4.000\$00.

A ilustre família enlutada envia-nos o nosso cartão de sentimentos.

### Por Castanheira de Pêra

Ex.º Sr. Director de «A Regeneração»

Permita-me v. ex.º que no seu conceituado jornal conta uma das muitas anedotas que ao Troviscal ultimamente tem chegado a propósito da questão da contribuição industrial. São tantas...

O viajante de uma casa de anilinas do Porto foi há pouco tempo em serviço profissional, à fabrica de um dos grandes industriais deste concelho com o fim, certamente, de promover a venda dos seus artigos. Ao entrar, assomou à porta o sócio grande da firma, que, séria e bruscamente, o cumprimentou. Não passará despercebido ao viajante tal falta de cortezia, mas, porque a sua missão o obriga, encetou com ele a agradável conversação com acentuado gentileza.

Então, já sei que v. ex.º tem aqui uma belíssima fábrica... grande... moderna...

— E' mentira! Palavra de honra que é mentira.

Mas, retorqui o viajante, não são essas as informações que tenho.

V. ex.º tem ampliado a fábrica ao mesmo tempo tem na modernização do segundo mês de dito...

— E' mentira! Juro pela minha honra que é mentira tudo! Não, disse o viajante, isso é modéstia! V. ex.º é um grande industrial...

Que o homem do faro diz ter em casa duzentas peles de texugo, queapanhou à boca de uma mina.

Que para tal caçada fez uso de grandes ratazanas às quais utilizou com mechas acesas na ponta do rabo.

Que o dito entrou em casa todo afeito a pedir uma pistola para ir a procura de um cavaleiro que se tinha perdido.

Que um viajante ficou paralítico e sem fala ao abriu a porta do quarto.

Que um dos autores desta secção, esteve prestes a levar um tiro.

Que o mesmo, apesar de ameaçado não ligou importância alguma a tal bicho.

Que se o horário vier, as farmácias tem que se fornecer de grandes quantidades de Pós Keating, Unguento de soldado e Tintura de cevadilha, para a freguesia esperada.

Que «por causa do pastel» o Antonio alquinou com toda a família.

Que «por causa do discurso» o Alfredo não teve entrada.

Que em cima de água é que vai ser dada a noticia da canhada.

Que numa das quartas-feiras que passou o projecto de homem F. Lacerda, apanhou uma formidável e linda constipação...

Que, depois dos bronquios atacados, à viva força queria ser tão alto, como um colega que na sua companhia ia, que para isso, se deixasse, apostava a 500\$00.

Que aquele projecto para parecer mais alto mandou fazer uns sapatos de solas duplas.

Que o Eugénio anda agora a tirar o curso de sopeiro.

Creia-me com consideração

De V. Ex.º At.º V.º Obg.

Uma Troviscalese

NOVA ASSOCIAÇÃO

Já foram publicados no «Diário do Governo» os estatutos da nova Associação Industrial.

Desta vez não foram roubados, pois, os que há tempos enviaram para serem entregues a quem de direito pela autoridade administrativa, desapareceram como por encanto.

a Companhia de Serração  
Figueiró dos Vinhos

# CARTEIRA

Na próxima passada semana retirou para Santarém, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> Família, o nosso amigo sr. Antônio da Silva Neto, que à sua casa das Bairradas veio passar uns meses.

Também saiu para Fernando Pó o nosso assinante sr. Alfredo Duarte Moreira, do Fato.

Este nosso amigo pede para, por este meio, apresentar as suas despedidas a todos os seus amigos e oferece o seu préstimo naquela ilha de Fernando Pó.

Saiu para a Beira, o nosso amigo sr. Carlos Feitor.

Encontra-se nesta vila de visita a sua Família, o sr. José Mendes Graça, de Lisboa.

## Panamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos.

Antonio Lopes da Costa, Varzeas.

Joaquim Abreu Junior, Videgueira.

José Rodrigues Junior, Moçambique.

Antonio Joaquim Agria, Bairrão. José Graça, Altardo.

José Brito, Sernache do Bonjardim.

Antonio Curado de Almeida Junior, Zereiro

## Anúncio

### JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS (3.ª Praça)

Faz-se saber que no dia 22 de Novembro pelas doze horas e à porta do Tribunal Judicial desta comarca vão à praça pela terceira e ultima vez e sem valor os prédios abaixo indicados, para serem arrematados pelo maior lance oferecido, na falência, que a firma Brandão & Companhia, com sede em Vila Nova de Famalicão, requereu contra a firma A. Manso & Companhia Limitada, com sede em Cacilhas, comarca de Almada e pertencentes ao falecido Antonio Vasconcelos de Sousa Manso, proprietário e residente em Aréga, desta comarca, de Figueiró dos Vinhos.

### IMOVEIS

1.º—Um prédio de casas, sita na vila e freguesia de Atéga.

2.º—Terra de semeadura com oliveiras no lugar do Bréjo.

3.º—Um olival e testada de mato

ao Vale do Carro, freguesia da Aréga.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos aos 10 de Novembro de 1931.

O escrivão do 1.º ofício  
Joaquim Loureiro Nelas

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito  
Alredo Rêgo

### PROPRIEDADES

Com boas casas para habitação, vinha e árvores de fruto. Sendo uma sita à Portela-Lavandeira, e outra à Ribeira de São Pedro.

Podendo esta última ser devolvida ao meio ou em talhões—Arreia da Francisco Simões Ladeira.

6.6.6

## Anúncio

### JUIZO COMERCIAL DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Faz-se saber que no dia 29 de Novembro corrente, pelas 12 horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à 2.ª praça para serem arrematados pelo maior preço oferecido os moveis indicados arrolados na falência que José Tomaz Henriques Novo e Adelino Tomaz, proprietários da Sapateira, moveram contra Alfredo Henriques dos Santos, comerciante daquele mesmo lugar.

1.º—Um lote do papel para carta e uma caixa de galões para caições, vai à praça no valor de

25\$00

2.º—Seis pacotes e meio de pregos, cinco pacotes de papel «Rei de Bastos», desanove carros de linhas; uma fechadura inglesa e uma caixa com borrachas pequenas vão à praça no valor de

25\$00

3.º—Trinta carros de linhas grandes, duas cartas de alfinetes e uma caixa de alfinetes de dama e ainda seiscentos e cinquenta gramas de isca, vão à praça no valor de

52\$00

4.º—Uma caixa de fio de velas; dois quilos de café, um par de tamancos; doze copos de diversos tamanhos e uma panela grande de esmalte e uma lata de café de cevada, vão à praça no valor de

25\$00

5.º—Uma fechadura inglesa, uma torneira de metal amarela; três fechaduras para caixões; um serrote velho; duas cafeteiras e duas assadeiras de esmalte; uma bacia de esmalte e dezasseis copos de diversos tamanhos, vão à praça no valor de

25\$00

6.º—Duas torneiras de metal; uma frigideira, três testos e um pequeno jarro, de esmalte; e uma tesoura de costura, vão à praça no valor de

25\$00

7.º—Dez quilos de macarrão, dentro dum talha; cinco quilos de açucar e dez quilos de arroz dentro de sacos, vão à praça no valor de

25\$00

8.º—Dezasseis pincheis grandes e onza pequenos vão à praça no valor de

25\$00

9.º—Um caixote com quarenta torneiras e catorze colheres, vão à praça no valor de

25\$00

10.º—Uma balança romana com o seu pilão; quatro vassoros de mão; duas quartas e uma lanterna, vão à praça no valor de

25\$00

11.º—Duzaseis quilos de corda, vão à praça no valor de

52\$50

12.º—Um caixote e uma bacia de zinco com vidros vai à praça no valor de

25\$00

13.º—Uma lata com petróleo dentro e uma medida com funil vai à praça no valor de

25\$00

14.º—Um cabaz contendo atacadores e vários outros objectos, vai à praça no valor de

40\$00

15.º—Um caixote contendo fechaduras, martelos e varia sucata. Uma lata também com sucata, vai à praça no valor de

40\$00

16.º—Dois caixotes e uma cesta contendo pregos e fechos diversos, vai à praça no valor de

37\$50

17.º—Um pipo com três almudes de vinho tinto, vai à praça no valor de

40\$00

18.º—Sete peças de ferro; três latas; um saco e um caixote com

25\$00

19.º—Duzas cadeiras, uma arca e um mesa, vai à praça no valor de

25\$00

20.º—Cinquenta e seis peças de castanho entre elas alguns barretos e quatro molhos de milho,

## Anúncio

### Comarca de Figueiró dos Vinhos

#### 3.ª praça

Faz-se saber que no dia 22 de Novembro corrente pelas 12 horas à porta do tribunal judicial desta comarca, vão à praça para serem arrematados pelo maior preço oferecido os predios penhorados a Ana da Conceição Silva e marido João Leal, residentes na Aguda, na execução por custas e selos que neste juizo lhe move o Dr. Agente do Ministério Público desta comarca, e são:

1.º—Uma tojeira sítio ao Cimo da Aguda, mesma freguesia, confrontando do poente com estrada pública, norte com António Mendes, sul com António Freire e nascente com uma testada.

2.º—Um olival sítio à Serrada, mesmo limite e freguesia confrontando do norte e poente com Manoel da Silva, sul com José Carvalho e nascente com António Medeiros.

3.º—Um pinhal sítio ao Vale do Ramalho, referido limite e freguesia, parte do nascente com António Curado de Abreu e norte com Manuel da Silva e Joaquim Rosa.

4.º—Um pousio com eucaliptos, sítio no Vale das Tojeiras, mesmo limite e freguesia, partindo do sul com Manuel Simões e do poente com António Simões Rôlo.

5.º—Um pinhal sítio ao Carvalhal, mesmo limite e freguesias, partindo do sul com António Curado de Abreu e poente com António Simões Rôlo. Estes predios vão à praça livres. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos aos 13 de Novembro de 1931

O escrivão do 2.º ofício  
Joaquim José da Conceição Junior  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,  
Alredo Rêgo

### Jorge Marçal

#### MEDICO

Doenças da boca e dentes terças, quintas consultas: e sábados, às 13 horas.

Praça José Malhoa  
Figueiró dos Vinhos

## Vende-se

Uma fazenda chamada Cardiga, de rega, com mato para ela, com oliveiras, videiras, muitas árvores de fruto.

Quem pretender, dirija-se a José Simões de Almeida, desta vila.

vai à praça no valor de 50\$00

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, 18 de Novembro de 1931.

O escrivão do 2.º ofício  
Joaquim José da Conceição Junior  
Verifiquei a exactidão

O Juiz Presidente  
Alredo Rêgo

## HYDROMECA

Para tirar água de qualquer profundidade, rendimento desde 3:000 até 40:000 litros por cada hora, sempre colocada ao cimo do poço, e elevando a água até 20 metros acima. E' a máquina de maior rendimento até hoje conhecida Registada e patenteada com o N.º 16:411. Gartifica-se bem quem indicar o fabrico desta máquina em qualquer outra casa.

Seu único proprietário em Portugal  
Jeronymo Rodrigues Pinhão

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**  
a quem devem ser feitos todos os pedidos

9.º—Uma oitava parte duma testada de mato no Gavião, limite das Bairradas, parte do nascente com Manuel Rodrigues, parte e norte com o viso, e sul com João Soares e outros. Vai à praça no valor de

149\$60

10.º—Uma terra de semeadura e mato no vale das Carejeiras, limite das Bairradas, parte do nascente com Damazo Simões, poente com António Carvalho, norte com António Pires e sul com herdeiros de António Marques. Vai à praça no valor de

202\$40

11.º—Uma terra com oliveiras, nos Chás de Cima, parte do nascente com João Luiz, poente com herdeiros de Antónia Diniz, norte com Januário Paiva e sul com João Soares. Vai à praça no valor de

180\$40

12.º—Uma terra com mato e oliveiras, no Vale Soiro, limite das Bairradas, parte do nascente com João Marques, poente com viso, norte com Artur Dias Paiva e sul com Custódio Coelho. Vai à praça no valor de

206\$80

13.º—Uma terra com mato, nos Chás ou Chás, limites das Bairradas parte do nascente com António da Silva Neto, poente com herdeiros de Adelino Pimenta, norte com Maria dos Anjos e sul com António Diniz. Vai à praça no valor de

17\$80

14.º—Uma terra com mato no Pôrto das Béstas, limite das Bairradas, parte do nascente com Manuel Rodrigues Perdigão, poente com António Nunes, norte com Manuel dos Reis, norte com herdeiros de Manuel Rodrigues Perdigão e sul com Joaquim Martins. Vai à praça no valor de

765\$60

15.º—Uma terra de seca, nos Vientes, limite das Bairradas, parte do nascente com Benjamim Caetano, poente com herdeiros de Manuel Rodrigues Perdigão, norte com António da Silva Pimenta e sul com a estrada, Vai à praça no valor de

105\$60

16.º—Uma terça parte duma terra de rega e mato, no Vale Padiz, limite das Bairradas, parte do nascente com Manuel da Silva e outros, poente com Manuel Rodrigues Perdigão, bem como do norte e sul com Manuel da Silva. Vai à praça no valor de

1.434\$10

17.º—Uma sexta parte duma terra com oliveiras, no Reventão, limite das Bairradas, parte do nascente e sul com Manuel Antunes, poente com Manuel Rodrigues Perdigão, norte com a estrada, e sul com Manuel Simões. Vai à praça no valor de

88\$00

18.º—Uma terra de mato no vale da Britada, limite das Bairradas, parte do nascente e norte com a estrada, poente com Joaquim Martins e sul com herdeiros de Marcelino Marques. Vai à praça no valor de

83\$60

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

A cargo da arrematante ficam as despesas da praça e pagamento do contribuição de registo.

Figueiró dos Vinhos, 14 de Novembro de 1931

O escrivão do 2.º ofício  
Joaquim José da Conceição Junior  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito  
Alredo Rêgo

## PORCASTA SANTHEIRA DE PERA

VII

É possível que a alguns ingénuos leitores, em face do que expuzemos no último número, pareça exagerado o que então afirmámos talvez porque não queríam convencer-se de que seja possível haver funcionários de Finanças capazes de proceder por forma tão vergonhosa e escandalosa.

Sim, porque nós estamos também convencidos, e já tivemos ocasião de o afirmar, de que não há conhecimento algum no País onde se tenham praticado tantas injusticas e favoritismos revoltantes na distribuição da contribuição industrial, como no de Castanheira de Pêra. E' má sorte...

Há tempos, em princípios de 1927, pouco antes de ter sido entrado neste conselho, o actual Secretário de Finanças Sequeira, os grandes industriais gravificaram com 12.000\$000 o Aspirante Ilharco, então chefiando a Repartição de Finanças, para que não lhes aumentasse a sua contribuição industrial nas propostas que tinham apresentado.

Para que ele se conformasse com elas e sob a sua exigência, os grandes industriais tiveram de dar-lhe 12.000\$000!

Afirmamo-lo, toda a gente o sabe, porque os grandes industriais disseram a mim que gente... osomos até das poucas pessoas que conhecem pormenoradamente esta história e das primeiras que dela tiveram conhecimento directo pelos grandes industriais. Se a quisessemos con-

tar... E ainda há bem pouco tempo, perante o Exmo. Director de Finanças, esses grandes industriais juraram pela sua honra que não era verdade que nada tinham ouvido dizer, que nada sabiam...!

Vem depois o actual Secretário de Finanças, mais refinado e noutro gênero, o Aspirante Ilharco foi transferido e então, como o precedente estava aberto o Secretário de Finanças, segundo informações do Pombal, era fértil... gerou-se o «Grupo dos Sete» pela forma porque já expuzemos.

O que perguntarão os leitores: Mas porque foi que o Secretário de Finanças e o Tesoureiro da Fazenda Pública desceram a tanto, com um impudor extraordinário, denotando ausência absoluta de escrupulos e do mais rudimentar espírito de justiça?

Ora porque foi? Os nove contos de réis gratificações em dinheiro, em fatos de estambre, casteletas, amazons, automóveis às ordens para caçadas, viagens, transporte de famílias, preferência na compra de munhos, anilinas, milho, seguros, etc., etc. Se não fosse isto o Secretário de Finanças e o Tesoureiro da Fazenda Pública teriam procedido de uma forma bem diferente, à semelhança dos que fizeram para os restantes industriais que não podiam dar-lhes tamanhas facilidades. Não será verdade?

Se para os pequenos industriais as suas transacções de 1927-28 foram multiplicadas por 3,5 e tornaram-lhe ainda em consideração os teares que posteriormente aumentaram nos últimos três anos, porque razão não adotaram a mesma base e critério idêntico para os cinco grandes industriais? Porque não foi multiplicado por 3,5 o volume das transacções fixado em 1927-28 à firma Barros & Antunes (245.000\$00) tendo ainda em atenção que a referida firma ampliou a sua produção, posteriormente, com mais dois teares manuais, e apenas foi multiplicado por menos de 1,5 sem ter em linha de conta os referidos dois teares que aumentaram?

Qual a razão porque foi multiplicado apenas por 2 o volume de transacções fixado no mesmo ano, à firma Barros & C. (135.000\$00) apesar de posteriormente e em igual período de três anos ela ter aumentado a sua produção com mais quatro teares manuais, e uma máquina de barretes? Porque foi multiplicado por menos de 2 o volume de transacções fixado no referido ano, à firma Domingos Co. de Carvalho, Sucessores, Limitada (112.000\$00) quando é certo que ela no mesmo período de tempo ampliou a sua fabricação com mais um tear manual e cinco mecânicos? Em que se basearam os cavaleiros para apressar multiplicação por cerca 2,5 os volumes de transacções fixados às firmas Manuel A. Cepas & Companhia e Manuel Diniz Junior & C. no mesmo ano de 1927-28 (446.000\$00 e 394.000\$00) quando eles posteriormente fizeram ainda um aumento respectivamente de sete teares mecânicos com a diminuição de dois manuais e de seis teares mecânicos e dois manuais?

De entre cerca de sessenta firmas industriais apenas estas cinco foram tão escandalosamente contempladas! Porque? Se não fossem...

Para todos os pequenos industriais, o volume de transacções de 1927-28 foi multiplicado por 3,5 e depois considerado o aumento correspondente aos teares que posteriormente e no período dos

três anos, ampliaram a sua produção. Para os grandes industriais o factor aplicado foi de 1,5 e 2 e não foram tomadas em consideração as transacções correspondentes aos teares que aumentaram nos três anos e que, com as devidas correções, foram em número de sete manuais, dezoito mecânicos e uma máquina mecânica de barretes. Porquê? Se não fossem...

E quando um pequeno industrial publicamente os acusou de gatunos dos pequenos houve um que fingiu irritar-se... como se não conhecessem de Pombal! Mas adiante...

A já célebre comissão constituída pelo Secretário de Finanças e Tesoureiro da Fazenda Pública, delegado do Exmo. Director de Finanças—nunca é demais repetir—os tais heróis desta aventura, entenderam e assim os assentaram que o quantitativo das transacções correspondentes a um tear manual devia ser de cerca de 39.000\$000 e até mais. Mas em que se basearam?

Um tear dos pequenos tece um corte de fazenda por semana, cada corte duas peças, cada peça mede o máximo de 25 metros a 15\$00 por metro, naquele ano, durante 50 semanas:—37.500\$00. Era o máximo de produção visto ser público e ninguém o pode contestar, que isto não corresponde bem à verdade porque fazenda por eles fabricada, em geral o sorobeco, só se vende no outono e inverno estando quase paralisado nas restantes estações, diminuindo muito, por consequência, a intensidade da sua fabricação. Pode afirmar-se que no ano de 1930-31 as transacções reais correspondentes a um tear manual não atingiram 30.000\$00. Não contestam os grandes industriais! Nem os doze funcionários! Mas então porque o fizeram? Porque lhas fixaram então em 30% a mais que as transacções reais? Para seguir a divisa máxima do «Grupo dos Sete», que era explorar os pequenos industriais em benefício exclusivo dos seus associados.

Mas admitamos, por hipótese, que era assim: 39.000\$00 de colecta para o tear manual quando a sua produção máxima se calculava em 37.500\$00 e as transacções reais eram de 30.000\$00.

Qual o quantitativo das transacções correspondentes a um tear mecânico?

Quando há cerca de seis anos as fazendas fabricadas pelos teares mecânicos eram o sorobeco e outros antigos não tão finos como os que elas estão fabricando, porque só as grandes firmas é que tinham teares mecânicos, o quantitativo das transacções correspondentes a um tear mecânico era o dobro da dum manual. Apesar disso, quando na última correspondência estabelecemos a comparação entre o volume das transacções que foi fixado às cinco grandes firmas para o ano de 1930-31 e o que lhe devia ter sido fixado em proporção com os pequenos industriais, tomando por referência a distribuição de 1927-28, adoptámos, para a base, os referidos cálculos apenas a importância de 39.000\$00 para o tear mecânico. Se fosse de 130.000\$00...

E porque não? Há pertinência alguma disposição legal ou moral que obrigue os industriais a pagar, uns por menos que a realidade e outros por muito mais que os negócios que fazem? Não havia apenas a divisa máxima do «Grupo dos Sete», que era explorar os pequenos industriais em benefício dos seus associados! Nada mais! E quando, por vezes, tivemos

ocasião de afirmar publicamente que não havia o direito de estar a obrigar os pequenos industriais a pagar por um volume de transacções muito superior à realidade — cerca de 30% — ao passo que os grandes estavam pagando apenas por cerca de metade, diziam-nos então certos meninos, miudinhos e venenosos: «Mas eles, os grandes, não podem subir mais, porque em quase toda a parte se paga a contribuição industrial por metade das transacções que se fazem, nunca e pela realidade.»

Sim, respondímos nós, os grandes, por essa teoria, não devem subir, não podendo por isso baixar os pequenos industriais, e então continuaria tudo na mesma, uns a pagar a sua contribuição industrial por metade das transacções reais e outros por 30%, a mais que a realidade!

E que alguns empregados que trabalhavam com eles, prestavam serviço na minha casa há mais de 20 anos e não era justo nem humano que eu os sacrificasse ao desemprego, depois de velhos e incapazes de proverem ao seu sustento com as fracas forças que lhes restavam.

Alguns já faleceram e aos outros dei-lhes novas ocupações, possuindo actualmente apenas 5 teares manuais.

Tinha agentes diversos que eram autênticos lacaios e comiam também!

Era com efeito, uma verdadeira associação de socorros mútuos, secreta, bem organizada e dirigida por gente experimentada...

Maldito «Grupo dos Sete»!

Mas que maldito «Grupo dos Sete»!

respondentes a mais de três teares é meio minúsculo. Não será verdade?

Certamente, e a prática o tem confirmado como pode provar-se. O simples raciocínio fará prever que assim seja.

Procedendo-se à contagem do número de fios por centímetro quadrado, comum conta-fios, em um pedaço de fazenda vulgar tecida num tear mecânico, observa-se que a média é de 8 a 9, o máximo 10 fios por centímetro na extensão do comprimento.

O tear mecânico mais vulgar, que dá por minuto mais de 90 passagens, teceria sem interrupções 5,40 metros de fazenda no espaço de uma hora; durante uma média de 60 e horas de trabalho diário, o mesmo tear teceria cerca de 65 metros de fazenda.

Mas admitindo que o tear esteja parado para interrupções forçadas metade do tempo, ou sejam seis horas, que não está, conclui-se facilmente que nas seis horas que só existem na sua torre imaginária, faz afirmações no último número do jornal de V. ex., que revelam uma requintada maladade.

Todavia, nos cálculos que fizemos, tomámos para base apenas cinco cortes em vez de seis, apesar de sabermos que os há que tiram sete cortes numa semana. Quando a um tear manual foi fixado o volume de transacções de 39.000\$000 a um tear mecânico, proporcionalmente, devia ter sido fixado o volume de 130.000\$00. Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Admiram-se os leitores? Nem de outra maneira podiam explicar-se as fabulosas vendas anuais, muito superiores a 2.000.000\$00, realizadas por alguns dos grandes industriais.

Apesar disso, quando na última correspondência estabelecemos a comparação entre o volume das transacções que foi fixado às cinco grandes firmas para o ano de 1930-31 e o que lhe devia ter sido fixado em proporção com os pequenos industriais, tomando por referência a distribuição de 1927-28, adoptámos, para a base, os referidos cálculos apenas a importância de 39.000\$00 para o tear mecânico. Se fosse de 130.000\$00...

E porque não? Há pertinência alguma disposição legal ou moral que obrigue os industriais a pagar, uns por menos que a realidade e outros por muito mais que os negócios que fazem? Não havia apenas a divisa máxima do «Grupo dos Sete», que era explorar os pequenos industriais em benefício dos seus associados!

Após a instalação destes teares mecânicos no local adaptado, que era onde se encontravam os teares manuais, tinha necessidade de immobilizar 4 destes, não permitia que continuassem armados.

Porem, uma questão de consciência, forçou-me a manter ainda alguns meses aqueles teares, com sacrifício do local.

E que alguns empregados que trabalhavam com eles, prestavam serviço na minha casa há mais de 20 anos e não era justo nem humano que eu os sacrificasse ao desemprego, depois de velhos e incapazes de proverem ao seu sustento com as fracas forças que lhes restavam.

Alguns já faleceram e aos outros dei-lhes novas ocupações, possuindo actualmente apenas 5 teares manuais.

Em 1930-31, possuindo como disse, 9 teares manuais, 6 teares mecânicos de sistema antigo, alguns com 1,70 de largo, 8 teares mecânicos mais modernos com 2,40 e uma máquina de barretes, pagou a firma Manuel A. Cepas & C. a quantia de 18.567\$00.

Nesse ano a contribuição correspondente a cada tear manual foi, para os que se dizem prejudicados, de 510\$00 e para o já célebre Fernandes de Carvalho, de 481\$00, conforme a colecta paga em nome do pai, respeitante a 7 teares manuais que possuía então.

— Maldito «Grupo dos Sete»!

Mas que maldito «Grupo dos Sete»!

J. Fernandes de Carvalho

**GELO**

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericordia de Castanheira de Pêra

Exmo Sr. Director do jornal  
«A Regeneração»

Há poucas semanas tive ensejo de dizer a V. ex. a propósito de uns comunicados que o seu jornal tem publicado, assinados por J. Fernandes de Carvalho, de que era grande desejo meu o seu autor se ocupasse e preocupasse tanto com a minha pessoa, como eu me preocupo com a dele.

Não tencionava responder a tal cavalheiro por quem sinto a maior repugnância, mas, a sua persistência insidiosa, força-me a dar algumas explicações que podem ser necessárias às pessoas que desconhecem a verdade.

Esteliano tendo sido feita a distribuição da contribuição industrial pelo sr. Director de Finanças de acordo com o citado Fernandes de Carvalho, a colecta da firma Manuel A. Cepas & C. que devia ser a Manuel Alves Cepas, apenas foi aumentada em 800\$000, possuindo mais 4 teares mecânicos contra 4 teares manuais de menos.

Todavia, nos cálculos que fizemos, tomámos para base apenas cinco cortes em vez de seis, apesar de sabermos que os há que tiram sete cortes numa semana. Quando a um tear manual foi fixado o volume de transacções de 39.000\$000 a um tear mecânico, proporcionalmente, devia ter sido fixado o volume de 130.000\$00. Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 130.000\$000 que fixar em 39.000\$000 a dum tear manual!

Era mais lógico, mais justo, mais razoável e mais moral. Aproximava-se mais da realidade atribuir-se a um tear mecânico uma produção de 13